

## CONGRESSO

Ao abrir trabalhos do Legislativo, presidente do Senado relê discurso que fez em 1995 e defende transparência, moralidade e eficiência na Casa. Na Câmara, pré-sal domina discussão

# Velhas promessas na pauta

GERALDO MAGELA - AGENCIA SENADO

Brasília – O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), disse ontem ao abrir oficialmente os trabalhos do Congresso em 2010 que o Legislativo exige uma postura que não permita erros e arranhões nos “procedimentos éticos” que devem pautar a conduta da Casa. Ao reler um discurso que fez em 1995, ao assumir mandato no Congresso naquele ano, Sarney disse que “transparência, moralidade, eficiência e trabalho” devem pautar os trabalhos da Casa.

No ano passado, Sarney respondeu a uma série de acusações por supostas irregularidades cometidas no Senado que resultaram no afastamento de Agaciél Maia – ex-diretor geral da Casa que ficou por mais de 15 anos na função. “Assumi este cargo não num momento de glória do Poder Legislativo, mas numa fase em que a instituição atravessa profunda crise de identidade, exposta a permanente crítica e censura. Meu desejo é prestar um serviço ao Congresso, juntando-me a todos os senadores e deputados”, disse Sarney.

O senador afirmou que quer implantar reformas que transformem o Congresso em um poder “forte e digno” do povo brasileiro. “O Congresso é fiscalização, acompanhamento, controle do Executivo. Único lugar onde o povo pode questionar governos, pessoas, fatos, apontar defeitos e erros. E mesmo do próprio Parlamento”, afirmou.

Assim como Sarney, o presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), defendeu o fortalecimento do Congresso na sociedade brasileira. “As críticas aumentam, mas são saudáveis. Se exageradas forem, serão concertadas e apuradas logo depois. É importante a crítica que se faça aos poderes constituídos. É desse conjunto do Executivo, Legislativo, Judiciário, imprensa livre que estamos implantando em definitivo a democracia no país, fugindo do ciclo histórico em que o Brasil passa por 20, 30 anos de autori-

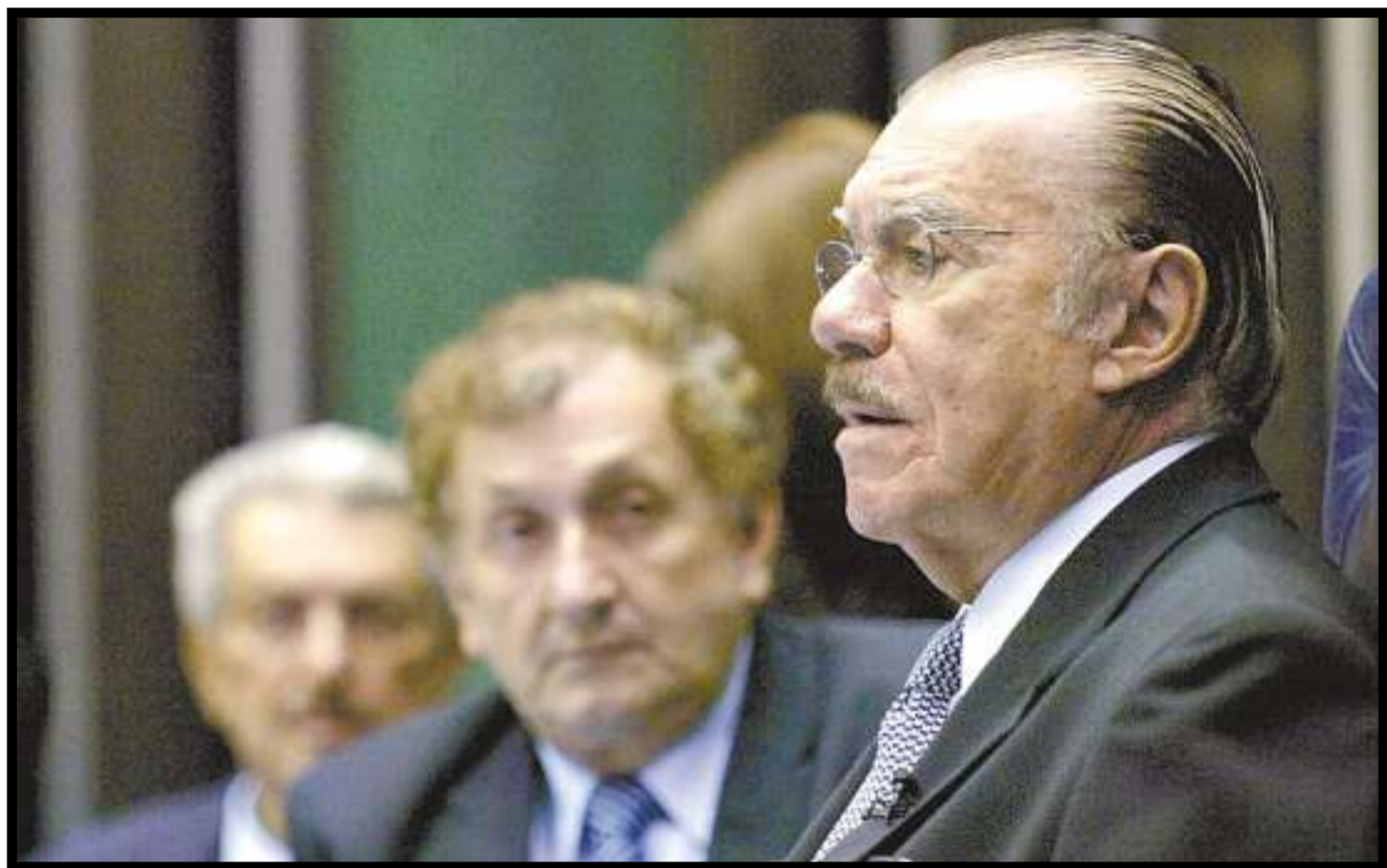
tarismo, e 20, 30 anos de democracia”, disse Temer.

**PAUTA** O retorno aos trabalhos na Câmara dos Deputados deve começar com uma reunião hoje para discutir a votação dos dois projetos sobre o marco regulatório do pré-sal que ainda não foram aprovados na Casa. “Acho que haverá um grande acordo para tentarmos votar os dois projetos do pré-sal”, disse Michel Temer. Segundo ele, não há receio quanto à promessa da oposição de continuar obstruindo a votação dos projetos. “A obstrução é uma coisa legítima, é um instrumento que a oposição pode utilizar. Compete àqueles que querem votar manter o quórum aceito no plenário”, afirmou Temer.

No ano passado, a Câmara aprovou os projetos do pré-sal referentes à criação do Fundo Social e da estatal que vai gerir a parte da União na partilha do petróleo, a Petro-sal. Essas propostas já estão no Senado para serem analisadas. Os textos que tratam da partilha e da capitalização da Petrobras ainda estão pendentes na Câmara e o governo tem pressa de que eles sejam aprovados.

O ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, disse que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva vai retomar o pedido de urgência constitucional para a análise dos projetos do novo marco regulatório do pré-sal no Senado. Segundo ele, ainda esta semana o pedido deve ser feito para o projeto da Petro-sal. “Com relação ao pré-sal, o presidente vai solicitar a urgência novamente para a votação, à medida que os projetos forem para o Senado”, disse Padilha. Ele explicou que na Câmara dos Deputados os projetos foram analisados em comissões especiais e, por isso, o trâmite foi mais rápido.

Já no Senado, os textos terão que seguir o protocolo normal, passando por diversas comissões de mérito. Com a urgência, os projetos têm ser analisados em até 45 dias, e o governo espera que eles sejam votados até abril.



José Sarney lembra que assumiu o cargo no momento em que o Senado vive crise de identidade e promete reformas para fortalecer a Casa

GIL FERREIRA/DIVULGAÇÃO STF



Gilmar Mendes considera que morosidade do Judiciário é um mito

## Em defesa da Justiça

Brasília – O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Gilmar Mendes, afirmou ontem, em discurso feito no Congresso Nacional, que a morosidade do Judiciário “é um mito” e que a lentidão mencionada pelos críticos é “pontual e concentrada”. Na solenidade de abertura dos trabalhos deste ano do Legislativo, Mendes disse que o Judiciário tem feito esforço para ser mais ágil, eficiente e acessível à população e que esse é o caminho que continuará sendo seguido. O presidente do STF mencionou números referentes a ações de 18 mil pessoas que estavam presas imprópriamente. Esse total significa que 35 prisões indevidas foram anuladas por dia.

Mendes disse que como exemplo de mudança na condu-

ta do Judiciário estão os mutirões que tentaram agilizar o julgamento de processos paralisados na Justiça. “O Judiciário caminha para a transparência. Os tribunais publicam, via internet, todos os atos relativos à gestão orçamentária e financeira de cada órgão assim vinculado”, afirmou. O presidente do STF disse que reconhece as dificuldades que enfrenta para mudar o modelo em vigor, mas se mostrou disposto a manter as ações em curso.

O salário dos ministros do STF foi reajustado e, a partir deste mês, passa de R\$ 25.725 para R\$ 26.723,13, segundo decreto publicado no *Diário Oficial da União*. O aumento já estava previsto pela Lei 12.041. O Congresso aprovou um reajuste total de 8,88%. A soma é inferior aos 14,09% pretendidos pelo STF.

SOCIÓLOGO E CIENTISTA POLÍTICO  
MARCOS.COIMBRA@UOL.COM.BR



MARCOS MICHELIN/EM

## MARCOS COIMBRA

# O cenário de janeiro

Janeiro terminou cheio de boas notícias para Lula, pensando no seu projeto principal, aquele ao qual dedica seu melhor esforço: dar a vitória a Dilma em outubro. Nas duas pesquisas nacionais divulgadas nos últimos dias, os resultados são todos favoráveis a ele: sua popularidade subiu, sua candidata melhorou, o principal adversário parou ou retrocedeu um pouco, aumentou a tendência à polarização.

A primeira foi feita pela Vox Populi entre os dias 14 e 26 e a segunda pela Sensus, entre os dias 25 e 29, as duas em janeiro. Nelas, não há nenhum resultado que surpreenda pelo ineditismo, tudo sendo coerente com o panorama que outras pesquisas feitas no correr de 2009 já apontavam. Elas apenas mostram que a passagem do tempo está contribuindo para provocar a situação desejada pelo presidente.

Ambas testaram duas hipóteses nas perguntas de

intenção estimulada de voto, uma com e outra sem o nome de Ciro Gomes. Nos dados da Vox, Serra continua liderando, mas com vantagem significativamente menor. Com Ciro na lista, Serra tem 34% e Dilma 27%, ele 11% e Marina 6%. Sem, Serra sobe para 38%, Dilma fica com 29% e Marina com 8%. Na Sensus, Serra teria 33% e Dilma 28%, ficando Ciro com 12% e Marina com 7%. No outro cenário, Serra 41%, Dilma 28% e Marina 10%.

Olhando para o que tínhamos há alguns meses, as mudanças são grandes. Não faz muito tempo, Serra reunia, sozinho, intenções suficientes para vencer a eleição em primeiro turno, ao fazer mais que a soma de seus oponentes. Nessas pesquisas, mesmo no cenário sem Ciro, a possibilidade parece remota.

A dianteira de Serra sobre Dilma foi o que mais mudou. Na pesquisa anterior da Vox, feita em meados de dezembro, sua vantagem passava de 20 pontos percentuais, que se reduziram a 7 ou 9 pontos

agora. Algo parecido aconteceu nos dados da Sensus, embora sua pesquisa anterior seja de novembro: a diferença entre os dois iria de 5 pontos, com Ciro na lista, a 13 pontos, sem ele.

O encurtamento da vantagem do governador em relação à ministra já tinha sido constatado em outras pesquisas feitas em dezembro. O Datafolha, por exemplo, havia indicado uma queda de 21 para 14 pontos entre agosto e o fim de 2009, depois de ela ter estado em 25 pontos alguns meses antes.

As duas pesquisas concordam que a candidatura de Ciro se mantém em um patamar entre 10% e 15%, mais perto do limite de baixo que de cima dessa faixa. E ambas mostram que Serra é quem mais se beneficia da retirada de Ciro das listas, pois é quando seu nome delas consta que Serra se sai pior.

É fácil se confundir na interpretação desses resultados, deles deduzindo que “Dilma precisa de Ciro”. Trata-se, no entanto, de um equívoco, que decorre de não

se considerar o nível de conhecimento muito desigual que ainda há entre os candidatos. Serra e Ciro são os únicos que muitos eleitores conhecem, pois disputaram eleições nacionais, coisa que nem Dilma, nem Marina fizeram. A proporção dos que nunca sequer ouviram falar nelas permanece perto de 35%.

Quando essas pessoas consideram listas em que estão os nomes dos dois, optam, na maioria das vezes, por um ou outro. E, quando um sai, pelo que resta. Ou seja, não é que “Ciro tire mais votos de Serra que de Dilma”, apenas que quem não conhece (ainda) Dilma ou Marina tende a ir para Serra quando só resta ele de conhecido. Isso fica aritmeticamente claro nos dados da Sensus: Dilma fica exatamente igual nos cenários com e sem Ciro, mostrando que, quando ele sai, ela não ganha (por enquanto) nem um ponto.

À medida, no entanto, que avançar o conhecimento das duas, o que vai acontecer mais rapidamente de agora para a frente, esse efeito se reduzirá. Aí sim será possível falar alguma coisa sobre a transferência de votos de Ciro (ou qualquer outro candidato) para os demais. As pesquisas

de agora nada dizem sobre esse fenômeno.

Com Ciro parado e Marina sem dar mostras de crescer, outro dos projetos de Lula para as eleições está se materializando. Tudo indica que teremos a polarização que ele sempre buscou: um embate PT x PSDB já no primeiro turno, em que ele tudo fará para que os eleitores confrontem seu governo com o antecessor.

Ajudando a entender seus resultados eleitorais (e o que permitem antever), as pesquisas mostram que Lula sobe mais um degrau em um tipo de popularidade que não conhecíamos em nossa experiência como país democrático. Há tempos se sabe que ele tem, atualmente, uma avaliação positiva quase consensual, mas é sempre surpreendente constatar que ela continua a melhorar. No fim de janeiro, segundo os dados da Vox, 74% dos brasileiros achavam seu governo “ótimo” ou “bom”, ou seja, três em quatro pessoas. Como outros 20% consideram o governo “regular”, restam 6% para reprová-lo. Com uma insatisfação desse porte, podemos ter uma ideia do tamanho do desafio que aguarda Serra.

“  
Outro dos projetos de Lula para as eleições está se materializando. Tudo indica que teremos a polarização que ele sempre buscou: um embate PT x PSDB já no primeiro turno